

FERNANDO AMADO

PEÇAS DE TEATRO

Organização de TERESA AMADO e VÍTOR SILVA TAVARES

Prefácio de AUGUSTO SOBRAL



BIBLIOTECA DE AUTORES
PORTUGUESES



A PRIMEIRA NOITE

*Para ser lida
versada de diálogo*

PERSONAGENS

VASCO

LÓCIA

1

A PRIMEIRA NOITE

Quarto de uma casa estalagem de provincia. Ar de noite. Uma janela; á esquerda duas, em fundo. A um canto, um lavatório com espelho e, ao pé, um jarro de agua. Armário com roupa pendurada no pé-de-galo; cistias de madeira, sobre uma das quais, aberta e recheada, uma mala de viagem. Larga cama de espartilho, cujo espaldar destoa do resto.

A luz d'um candeeiro de petróleo, Lócia projeta-se diante do espelho. Ela passa nos bellos e pios de carvão: ^{(51) EOL no original} empoeira os olhos e os cabelos, abre em seguida as janelas, no fundo, que dão para a estrada, e respira gostosamente o ar da noite, uma noite de Verão claríssima, de luar.

*Quase se a vai de Vasco chamando: Lócia!
Pouco depois ella entra.*

VASCO — Lócia, que é da minha mãe? Por que a não trouxeram para aqui? ... Lócia, não responde?

LÓCIA — Que queres que eu te responda? Não sei.

VASCO — Ah, bem, era certamente o que eu desejava saber. A ideia dos quartos separados não veio de ti. Ainda bem! Imagina, separados logo na primeira noite! Para longe o agorral... Ora, o diabo da vultosa! Não me pões com aspecto ba-

duida, constituindo de base do conhecimento por categorias, refere-se na especificidade do conhecimento, entre os vários fatores, tais como velocidade e profundidade da abstração, um processo que designa deste modo (1) e por fim a técnica do ensino, o talento do aluno e do professor, a natureza dos conhecimentos adquiridos e a natureza das aprendizagens.

Que extraordinária definição para a palavra "talento" de acordo com a definição de talento dada por Platão, onde o talento é definido como a capacidade de aprender a aprender, a parábola, e depois de tudo isso, B. Malin, não a consegue explicar, para explicar mais facilmente, onde se encontra a função do talento, para explicar de maneira mais clara.

Essa definição de talento, que é dada por Platão, é muito interessante e pode ser utilizada para explicar a natureza do talento, onde se encontra a função do talento, para explicar de maneira mais clara.

O pensamento de Platão, que é dado por Platão, é muito interessante e pode ser utilizada para explicar a natureza do talento, onde se encontra a função do talento, para explicar de maneira mais clara.

Platão, que é dado por Platão, é muito interessante e pode ser utilizada para explicar a natureza do talento, onde se encontra a função do talento, para explicar de maneira mais clara.

Platão, que é dado por Platão, é muito interessante e pode ser utilizada para explicar a natureza do talento, onde se encontra a função do talento, para explicar de maneira mais clara.

Platão, que é dado por Platão, é muito interessante e pode ser utilizada para explicar a natureza do talento, onde se encontra a função do talento, para explicar de maneira mais clara.

Platão, que é dado por Platão, é muito interessante e pode ser utilizada para explicar a natureza do talento, onde se encontra a função do talento, para explicar de maneira mais clara.

Platão, que é dado por Platão, é muito interessante e pode ser utilizada para explicar a natureza do talento, onde se encontra a função do talento, para explicar de maneira mais clara.

Platão, que é dado por Platão, é muito interessante e pode ser utilizada para explicar a natureza do talento, onde se encontra a função do talento, para explicar de maneira mais clara.

Platão, que é dado por Platão, é muito interessante e pode ser utilizada para explicar a natureza do talento, onde se encontra a função do talento, para explicar de maneira mais clara.

Platão, que é dado por Platão, é muito interessante e pode ser utilizada para explicar a natureza do talento, onde se encontra a função do talento, para explicar de maneira mais clara.

Platão, que é dado por Platão, é muito interessante e pode ser utilizada para explicar a natureza do talento, onde se encontra a função do talento, para explicar de maneira mais clara.

Platão, que é dado por Platão, é muito interessante e pode ser utilizada para explicar a natureza do talento, onde se encontra a função do talento, para explicar de maneira mais clara.

Platão, que é dado por Platão, é muito interessante e pode ser utilizada para explicar a natureza do talento, onde se encontra a função do talento, para explicar de maneira mais clara.

Platão, que é dado por Platão, é muito interessante e pode ser utilizada para explicar a natureza do talento, onde se encontra a função do talento, para explicar de maneira mais clara.

Platão, que é dado por Platão, é muito interessante e pode ser utilizada para explicar a natureza do talento, onde se encontra a função do talento, para explicar de maneira mais clara.

Platão, que é dado por Platão, é muito interessante e pode ser utilizada para explicar a natureza do talento, onde se encontra a função do talento, para explicar de maneira mais clara.

A PRIMEIRA NOITE

*Peça em um acto
(ensaio de diálogo)*

PERSONAGENS

VASCO

LÚCIA



Quarto de cama numa estalagem de província. Ar de asseio. Uma janela, à esquerda; duas, ao fundo. A um canto, um lavatório com espelho e, ao pé, um jarro de água. Armário; mesa redonda de pé-de-galo; várias cadeiras, sobre uma das quais, aberta e remexida, uma maleta de viagem. Larga cama de espaldar, cuja opulência destoa do resto.

À luz dum candeeiro de petróleo, Lúcia penteia-se diante do espelho. Ela passa nos beijos o pau de carmim; empoa-se; ajeita os cabelos; abre em seguida as janelas, ao fundo, que dão para a estrada, e respira gostosamente o ar da noite, uma noite de Verão claríssima, de luar.

Ouve-se a voz de Vasco chamando: Lúcia!

Pouco depois ele entra.

VASCO — Lúcia, que é da minha mala? Por que a não trouxeram para aqui?... Lúcia, não respondes?

LÚCIA — Que queres que eu te responda? Não sei.

VASCO — Ah, bom, era exactamente o que eu desejava saber. A ideia dos quartos separados não veio de ti. Ainda bem! Imagina, separados logo na primeira noite! Para longe o agoiro!... Ora, o diacho da velhota! Não me julga com aspecto bas-

tante respeitável para marido, é evidente... E aquilo foi dito e feito. É o que se chama unir o gesto ao pensamento. Aproveitou a ocasião em que o moço me estava ajudando a meter o automóvel debaixo do telheiro — ai, que drama, não calculas! — zás, prega-me com a mala no inferno!

LÚCIA (*com modo desprendido*) — Ela disse-me que havia, além deste, um bom quarto, aí ao fundo do corredor.

VASCO — Pois é, aí ao fundo do corredor... Gostava que o visses, o tal quarto. Pouco maior que a cama, e um cheiro a bafio capaz de causar enjoos a uma barata — fora de brincadeira... Enfim, o que me consola é que não preciso dele para coisa nenhuma. Vou tratar de desfazer o mal-entendido.

LÚCIA — Vasco, espera aí, fui eu... Fui eu que ordenei...

VASCO — Hã?!

LÚCIA — Sim, ouve. Estávamos à porta da rua. Não tínhamos visto os quartos. A estalagem parecia modesta...

VASCO — Ah, sempre foste tu, afinal.

LÚCIA — Pensei que os cómodos seriam acanhados, e então lembrei-me...

VASCO — De arranjar um quarto para cada um.

LÚCIA — Foi isso.

VASCO — Não to posso levar a mal, querida. Mas, visto os cómodos serem principescos... Então não são? Talvez por contraste com o cubículo onde me queriam encafuar, este quarto afigura-se-me luxuoso... Até um armário, até um espelho, sem falar duma imponentíssima cama de casal... Eu vou...

LÚCIA — Não vás, peço-te.

VASCO — Essa agora! Quererás tu, por acaso?...

LÚCIA — Quero apenas descanso, Vasco, acredita. Sinto-me extraordinariamente cansada.

VASCO — Vês, teríamos feito melhor em ficar no hotel onde jantámos. Fartei-me de insistir, recordas-te? Preveni-te do es-

tado péssimo das estradas e do tamanho do percurso; e que era preferível continuarmos a viagem amanhã, com vagar, depois duma noite bem dormida.

LÚCIA — Mas eu não me queixo, Vasco. Não estou de forma alguma arrependida do nosso passeio. Pelo contrário, ia-me a saber tão bem o ar fresco da noite, depois dum dia de poeira e de sol... Pensei mesmo em pedir-te para passarmos assim a noite inteira de automóvel, em correrias, ou espreitando, à beira das florestas, por entre a sombra das árvores. E se não fosse aquele estúpido acidente...

VASCO — Diz antes providencial. Olhem o que nos estava de reserva se o carburador não desata de repente a falhar: passar a noite de automóvel em correrias! Contra a estafadeira, era o indicado, não haja dúvida... Decididamente, és impagável. E o que é mais curioso, no fundo, é que eu não me habito às tuas esquisitices. Não há meio. De cada vez tenho por força de ficar banzado.

LÚCIA — Pobre Vasco, que perspectiva para o resto da existência! No teu caso eu teria pensado duas vezes antes de me decidir a tomar por companheira uma pessoa com um feitio tão incómodo.

VASCO — Não pensei duas nem três, Lúcia, mas duas ou três mil. E cheguei à conclusão — isto é que é falar com sinceridade — que havia mais a ganhar que a perder. Porque, digam lá o que disserem, cá por mim estou convencido de que não tens o que se chama mau génio... Não tens, não. O ponto está em a gente saber levar-te.

LÚCIA — O mesmo sucede com todo o mundo, supenho eu.

VASCO — Com a diferença que há pessoas pão-pão queijo-queijo, junto de quem não se corre o perigo de pôr pé em falso; basta encarar com elas, para se perceber imediatamente do que se trata. Levam-se com uma perna às costas. Ao passo que há outras...

LÚCIA — Eu, por exemplo...

VASCO — Já que o dizes, sim, há outras dum género incontestavelmente mais arrevezado... E contudo nunca achei pia-

da senão a raparigas desse género. Podes crer, Lúcia, foste sempre o meu tipo.

LÚCIA — Não contesto.

VASCO — Então de que estás a rir?

LÚCIA — Da tua maneira de falar. «Nunca achei piada»... às vezes o calão é ridículo.

VASCO — Nunca achei piada, está claro. Preferias, se calhar, uma frase em estilo pomposo: «Vossa Excelência, minha senhora, representa o meu ideal de formosura. — Oh, por quem é, cavalheiro!»... Nunca leste um romance de Camilo? Eu tão-pouco, de resto, nem tenciono. Mas garantiram-me que as conversas das personagens são todas sobre este modelo colossal... Mas que tens tu? Continuas ainda a rir pelo mesmo motivo? Não vejo a razão. O que eu disse...

LÚCIA — Entendi perfeitamente. Explicaste muito bem que eu era o teu tipo. E antes assim, Vasco, porque agora já não há remédio. (*Com uma vénia.*) Doravante sou a tua esposa.

VASCO — Remédio há: o divórcio.

LÚCIA (*procurando tapar-lhe a boca*) — Vasco!

VASCO — Que aconteceu?

LÚCIA (*com gravidade*) — Estranhei que a ideia do divórcio te ocorresse no próprio dia do nosso casamento.

VASCO — Pronto! Contigo não se pode brincar.

LÚCIA — Magoou-me precisamente tu não teres dito isso bastante a brincar.

VASCO — Dou-te a minha palavra de honra!... (*Encolhe os ombros.*) Para onde te havia de dar, Lúcia!

LÚCIA (*abanando a cabeça*) — Cuidas que é esquisitice minha. Não é. Tu devias compreender.

VASCO — Tu é que não compreendeste a brincadeira. Parece que andas empenhada em ver nas coisas o lado trágico. Se não andas, fazes por convencer-me de que andas, o que é pior. Com